

TEORIAS DA JUSTIÇA

## Notas sobre a amizade, a vida retirada, e a plenitude, a partir da filosofia de Rousseau

Notes about friendship, life in retreat, and the fullness, found in Rousseau's philosophy

Arlei de Espíndola<sup>1</sup>

**RESUMO:** Pretendo realizar uma aproximação, com esse artigo, das "Cartas a Malesherbes" e do "Meu retrato", dois pequenos textos de Rousseau que se incluem no rol de seus trabalhos epistolares, confessionais e autobiográficos. Viso recortar algumas das considerações do filósofo acerca da amizade, do conhecimento de si mesmo, e da plenitude da existência humana, encontrada na vida solitária e no exílio. Entendo que os escritos de Rousseau, em geral, costumam lançar luzes uns sobre os outros e que seu pensamento mantém uma exemplar unidade. Assim, ganha importância a leitura destes dois breves trabalhos, que é reforçada com o fato de eles, malgrado se duvide, possuírem grande valor em termos filosóficos, fazendo a defesa da liberdade, da transparência, da sinceridade, da autenticidade, e do encontro entre os homens, insurgindo-se, por fim, contra a corrupção moral e política na vida social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Homem; Liberdade; Vida Retirada; Amizade; Plenitude.

**ABSTRACT:** I intend hereby to make an encounter between "Letters to Malesherbes" and "My picture", two small Rousseau's texts which are included in the list of his epistolary, confessional and autobiographical works. I aim at using some of the philosopher's considerations about friendship, self-knowledge, and the completeness of human existence, found in solitary life and in exile. I comprehend that the Rousseau's writings, in general, tend to shed some light on others and that his thought remains a unique unit.

<sup>1</sup> Professor Associado do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina.  
<earlei@sercomtel.com.br>



Therefore reading these two short works becomes an important task, which is reinforced by the fact that they, although it can be doubted, possess great value in philosophical terms, making the defense of freedom, transparency, honesty, authenticity, and the meeting among men, which eventually rebels itself against either moral or political corruption in social life.

**KEYWORDS:** Man; Freedom; Life in retreat; Friendship; Fullness.

---

“Esta casa possivelmente contém um homem feito para ser meu amigo. Uma pessoa digna de minhas homenagens passeia talvez todos os dias neste parque” (OC I, *Mon portrait*, p. 1125).

Essa breve passagem constitui-se no fragmento 25 do “Meu retrato” que é um escrito cuja redação foi desenvolvida por Rousseau durante os anos 1761-1762 e que faz parte de seu conjunto de trabalhos de caráter confessional e autobiográfico.<sup>2</sup> É um consenso entre os comentaristas especializados classificar os textos desta referida natureza, saídos da pena do autor genebrino, no seu percurso teórico-filosófico, em dois grupos: o dos menores e o dos maiores. E o “Meu retrato” deve – juntamente com os “Esboços das confissões”, o “Esboço dos devaneios”, e até mesmo as “Cartas a Malesherbes”, entre outros curtos trabalhos epistolares e autobiográficos – ser agrupado com os textos ditos menores, em oposição aos três maiores – de semelhante gênero – que Rousseau terminou escrevendo, isto é, *As confissões*; *Rousseau juiz de Jean-Jacques (Diálogos)*; e *Os devaneios do caminhante solitário*.

É algo importante, do ponto de vista didático, saber que se dispõe destes dois blocos de textos uma vez que isto nos possibilita alcançar uma visão de conjunto da obra de Rousseau. Porém, é inadequado assumir a tarefa de visitar-se simultaneamente – num estudo cuja finalidade reside em compor um artigo – os escritos em geral destes dois blocos, integralizando uma parte toda da produção do filósofo. Ao optar-se por essa escolha condenável numa prática de investigação, num esforço de pesquisa, não se pode querer chegar a um aprofundamento maior dos conceitos. Por isso, levarei em consideração, passando a ler Rousseau, só o grupo inicial de textos, limitando-me em manusear o “Meu retrato” e as “Cartas a Malesherbes”, sem pretender encaminhar uma exaustiva recensão. Prendendo-me então a esses textos, visarei retratar sumariamente, ainda que de maneira não tão ordenada, os seguintes tópicos: 1) o ideal de Rousseau de buscar falar de si mesmo, de construir um auto-retrato; 2) a presença da amizade nesse projeto, seu valor à vida

---

<sup>2</sup> As notas, acopladas ao “Mon portrait”, no Tomo I das *Oeuvres Complètes* de Rousseau, editadas pela Gallimard, indicam que há uma polêmica em torno da data precisamente em que o filósofo escreveu esse texto. Opto pela alternativa de referir 1761-1762, pois entendo que uma obra breve assim, não poderia tê-lo absorvido – pelo menos no que toca à sua redação – por um espaço de tempo tão grande.

comunitária, e as dificuldades de consumá-la; 3) a inclinação de Rousseau para a vida retirada e o nexos disto tudo com o sentimento de plenitude. Impossível ficar de lado, ao tratar-se desses temas, as referências de Rousseau a Malesherbes e aos Luxembourg. Por estes, passou a nutrir apreço, tendo-os, a partir daí, enquanto amigos, chegando a julgá-los como pessoas que alimentam, com seus gestos elevados e atitudes sublimes, sua rica reflexão.

Esses textos referidos, com os quais vamos aqui trabalhar, carecem de ser mais estudados, considerando-os por um ângulo especial, diferente, pois temos o que extrair deles em termos de riqueza filosófica. E se representa uma coisa comum, de toda empresa rousseauiana, os escritos lançarem luzes uns sobre os outros, isso vale bastante para esses trabalhos ora em questão; eles contribuem, muito claramente, para a definição e o fortalecimento da ideia de unidade desta filosofia.

Atenhamo-nos, por agora, ao começo do presente artigo, fixando-nos naquele pequeno fragmento transcrito enquanto epígrafe, – que é referente, aliás, ao extrato 25 do “Meu retrato” – para lançar as seguintes perguntas: À quem, nesta passagem de abertura do escrito, Rousseau se refere? Será que existe de fato esse outro homem de que ele fala? O filósofo não estaria se reportando a si mesmo? Se não podemos ter certeza sobre quem Rousseau está pensando no momento em que produz esse pequeno texto, esse breve fragmento, ao menos conseguimos deduzir que ele guarda em muito boa conta a pessoa que revela capacidade de constituir-se em amiga de outra pessoa; essa conservaria qualidades elogiáveis do ponto de vista moral e do caráter. Mas o fato é que os tempos atuais, porém, são sombrios, causam receios, despertam sentimentos céticos, fazendo reduzir-se as esperanças no âmago dos indivíduos, razão pela qual a amizade – de cujo valor não se pode desacreditar – aparece só como uma possibilidade no que tange à sua existência de maneira concreta. E quando nos referimos a uma coisa que é só possível, a algo que talvez possa haver no mundo, não estamos manifestando uma convicção absoluta sobre sua efetividade, mas incluindo outrossim uma dúvida, uma suspeita; e é esse o caso da passagem de Rousseau com a qual nós inauguramos, principiamos, demos abertura ao presente texto.

Para prosseguir com a reflexão que o filósofo desenvolve no “Meu retrato”, recuo agora um pouco no escrito dado ao fato de querer partilhar com o leitor seu entendimento mais acabado sobre a problemática da amizade. Então, ao começar o diálogo, ao iniciar a explanação, veja-se como Rousseau estabelece seu pensamento quando abre o rápido fragmento 18 de sua obra: “Eu fora feito para ser o melhor amigo que já tivesse existido, mas aquele que deveria retribuir-me está assim por vir” (Idem, 1124). É verdade que se tem aqui, esmiuçando o texto, um Rousseau que se julga, por um lado, enquanto alguém que conserva as qualidades de um ser humano irretocável, imaculado, transformando-se num ente livre dos defeitos e vícios que atingem os homens na vida social.

Mas exigente, por outro lado, em relação ao mundo que o cerca, o filósofo possui uma visão abertamente mais negativa – do que aquela que está posta no fragmento 25 – diante do ser humano e mesmo da ordem civilizada e política que é do seu conhecimento. Daí a razão de não acreditar – a partir do fragmento 18 – ser possível a vigência, entre os homens, de disposições como a sinceridade, a transparência, e a confiança mútua, neste mundo tanto inóspito quanto desintegrado onde infelizmente ele vive.

É bem escassa a existência neste espaço, na visão de Rousseau, daqueles que fugiriam à regra no sentido positivo da expressão quanto às qualidades morais. Seguidamente, o que se sobrepõe, aí, é o temor, a insegurança, a dúvida, a desconfiança, entre outras coisas desta mesma ordem. Pois o normal está, sabidamente, na difusão da mentira, da maldade, da vaidade, e do egoísmo; os homens deixaram, a bem dizer, de ser íntegros, de ser benevolentes, ao abandonarem sua condição primitiva e originária. Resta justificada, assim, a tonalidade também melancólica do fragmento 18 e o declarado sentimento de ceticismo sobre a possibilidade de existir homens como o nosso filósofo, na sociedade, que tenham recursos espirituais e virtudes para constituírem-se verdadeiramente enquanto amigos. Se Rousseau em síntese é um ente exemplar, uma criatura honesta, pura, e imaculada, o mundo é, portanto, degradado, corrompido, e assolado pela miséria, no sentido moral.

Ao avançar a reflexão acerca do problema da amizade no fragmento 18, do “Meu retrato”, o filósofo segue na conservação da prática de tomar-se a si mesmo enquanto referência, tendo em consideração agora, mais diretamente, seu próprio estado. Ele mostra-se preocupado com o fato de a realidade estar presa ao movimento, de os anos correrem a passos largos, e de o destino de quem subsiste bastante no tempo ser a convivência com a velhice. Mas vale perguntar o que isso teria a ver com a existência da amizade, com o desenvolvimento da estima de uns pelos outros, com a ampliação de nosso círculo de relações. O avanço da idade, segundo Rousseau, é acompanhado pela tendência de o ser humano se tornar mais fechado, de reduzir-se a abertura para novos intercâmbios, de abandonar-se a maleabilidade. Pois isso vem dificultar a conquista de novos parceiros de caminhada no mundo bem como não assegura – ou até mesmo impede – o triunfo de outros modos de ser, enquanto homem. E essa é a realidade em que Rousseau encontrar-se-ia, de acordo com seu ponto de vista, motivo pelo qual ele trata de asseverar: “Ai de mim, estou na idade em que o coração começa a retrair-se e não se abre mais a novas amizades” (Idem, *ibidem*).

Deixa de ser fácil efetivamente, ao chegar-se nessa etapa do desenvolvimento humano, mover-se de modo solto e flexível; vê-se o surgimento, a criação, de um concreto obstáculo, então, no que diz respeito às mudanças pessoais; também já não se consegue adquirir, conquistar, de uma forma tranquila, de um modo simples, novas

companhias, outras amizades. E o problema, no entanto, é que dispor-se de amigos, relacionar-se franca e abertamente, e encontrar oportunidade adequada para falar-se de si mesmo, a fim de colocar em pauta sua própria história, além de ampliar o grau de segurança pessoal, de auto-compreensão, e servir de condimento para a vida, é um ótimo recurso para alcançar-se o tão esperado bem-estar e a felicidade. É por esse motivo que Rousseau encerra o fragmento 18, da obra ora colocada em pauta de discussão, com ar de desconsolo, tendo sua conduta marcada pelo sentimento niilista, ainda que haja a escolha da resignação, acatando as leis da sabedoria eterna, como é próprio de um pensador que se ajusta, ao final, aos ditames do destino: “Adeus, pois, doce sentimento que tanto procurei, é tarde demais para ser feliz” (Idem, *ibidem*).<sup>3</sup>

Cabe perguntar se essa ideia veiculada precedentemente por Rousseau, que guarda um nexos com as chances de encontrar-se o chamado sumo bem, isto é, a felicidade, possuiria caráter de um entendimento inflexível e absoluto. A resposta para essa pergunta deve ser negativa, pois amigos, na verdade, até existem e cumprem, circulando em meio a seus contrários no mundo do século XVIII – que é também o nosso mundo –, um papel importante na vida humana, trazendo seguidamente coisas como: a paz, a segurança, a harmonia, e o otimismo quanto à possibilidade de crescermos e nos desenvolvermos, tornando-nos cada vez mais maduros, exatamente do modo como tanto precisamos. Podemos afirmar – acrescentando neste instante enquanto referência – que esse entendimento rousseauiano é atestado por algumas passagens estratégicas das quatro cartas a Malesherbes. A propósito, nessas cartas vem entremear-se grosso modo, junto ao juízo que sinaliza à existência de amigos, o profundo anseio manifestado por Rousseau, bem como a prática mesmo, de construir o que se pode chamar “auto-retrato”; vem interpor-se seu afã de conversar, portanto, sobre si mesmo, ou melhor dito, de prestar contas de si mesmo, prendendo-se tanto ao âmbito particular quanto ao universal; sabidamente, isso até se impõe enquanto uma preocupação que antecede, na aparência pelo menos da realidade, ao interesse pela concreta presença de amigos.

Esse plano firmemente indicado – de externar o auto-conhecimento, de pintar-se de modo meticuloso a si mesmo – está na ordem principal das “Cartas a Malesherbes” e também do “Meu retrato”. Inclusive, Rousseau já afirma no parágrafo 7, da primeira carta, que pretende construir um retrato de si mesmo fazendo uso de seu “tom familiar” na conversa com o

---

<sup>3</sup> É inevitável, ao nos depararmos com a ideia da resignação, da aceitação do destino, lembrar das concepções dos estóicos, presentes em seus vários livros. No mínimo, Rousseau foi um leitor incansável de Sêneca, autor do mundo romano, de muita relevância, no quadro da Antiguidade. É verdade que não há muitos estudos sobre essa relação de Rousseau com os estóicos, que será suscitada, aliás, outras vezes aqui neste artigo. Contudo, veja-se: ROCHE, Kennedy F. *Rousseau Stoic & Romantic*. Londres: Methuen & Co Ltd, 1974.

diretor de publicações, o Senhor Malesherbes; o autor haverá de utilizar-se deste expediente porque não consegue valer-se de outro haja vista se tratar da promoção de um desabafo. Ele fala resumidamente: “descrever-me-ei sem disfarces, sem modéstia, mostrar-me-ei a vós tal como me vejo e tal como sou” (OC I, *Lettres à Malesherbes*, p. 1133). E dessa maneira é possível uma pessoa conhecer-se, ou passar a conhecer-se, visando corrigir, ao final, tanto o conceito e o entendimento que os outros terminam por formular acerca de seu ser e de suas atitudes, mantendo-se em dissonância com a verdade, quanto também entrar em total acordo consigo mesmo.

Vale observar chamando a atenção do leitor para o fato de que as pretensões de Rousseau são as mesmas ali no começo da carta de nº 2; é conservado o foco no já referido projeto, no citado alvo maior, constituído pelo interesse em aprofundar-se no tratamento consigo próprio, na sondagem acerca de si mesmo, almejando construir uma auto-revelação, destituída de qualquer reserva. Em suma, diz o genebrino: “Continuo, Senhor, a dar contas de mim, visto que comecei a fazê-lo; pois o que me é mais desfavorável é ser conhecido parcialmente” (Idem, p. 1134).

No “Meu retrato” aparece reiterada ou antecipada semelhante preocupação, a qual haverá de converter-se, pois, em projeto igual a esse que é sinalizado, por Rousseau, nesses dois momentos precedentes. O autor coloca no centro de seu interesse o mesmo propósito, impondo àquela pedra de toque já definida anteriormente, de discorrer sobre si mesmo, a fim de estabelecer seu próprio retrato. Rousseau desacredita – ao contrário do que pensa sobre a falsidade e a mentira – que haja problema nos homens “falarem sinceramente de si mesmos” (OC I, *Mon portrait*, p. 1122) na medida em que isso garante, por um lado, a segurança pública. Contudo, não poderia agradar ao pensador um homem buscar “fingir diante dos outros” (idem, 1121), porque isso torna “quase impossível conhecer-se” (Idem, *ibidem*), sendo que aí temos a meta mais central de todas.

Rousseau considera que com esse expediente, com esse plano de ação que termina delineando, começa a prestar um novo tipo de serviço à sociedade; e esse se constitui, por sua vez, em apresentar um modelo de homem, um item, uma figura exemplar, ao público, enquanto algo resultante de seu próprio conhecimento e, ao mesmo tempo, de seu esforço de conhecer-se. Eis, portanto, aí: “um novo gênero de serviço – diz o filósofo – para prestar aos homens: o de oferecer-lhes a imagem fiel de um deles a fim de que aprendam a conhecer-se” (Idem, p. 1120). É almejando com vigor e com determinação anular o erro cometido pelas pessoas próximas – ao tentarem definir seu ser e o fundamento de seus atos – que Rousseau trata de repetir, neste momento, a concepção já veiculada nas “Cartas a Malesherbes”: “vejo que as pessoas que vivem mais intimamente comigo não me conhecem e que atribuem a maior parte

de minhas ações, seja para o bem, seja para o mal, a motivos totalmente diferentes dos que a produziram" (Idem, p. 1121).

Essa reflexão de Rousseau o faz pensar – ao desenvolver as considerações que precedem – sobre o trabalho aqui dos historiadores que seriam tanto indivíduos como agentes profissionais cheios de limitações. Esses são incapazes de captar toda a intenção, por meio da pesquisa e do material que produzem, com sua alongada atividade teórica, que se conserva afixada ao âmago do sujeito – ora definido para fazer-se objeto de exame – no sentido de que possam trazer à luz a verdade mais substantiva que estaríamos perseguindo; e semelhante intenção, igual propósito, é que haveria de informar a conduta e o estado moral deste aí, quer dizer, do sujeito-objeto, seja onde ele estivesse. Para Rousseau, em síntese: “A maioria dos caracteres e dos retratos que se encontram nos historiadores são apenas quimeras que, com um pouco de espírito, um autor torna facilmente verossímeis” (Idem, *ibidem*), isto é, aparentemente verdadeiras, sem representar a resposta acertada, concreta e efetiva, tal como se aspiraria alcançar.

Com efeito, ao retomar o tópico da amizade, nas “Cartas a Malesherbes”, posso dizer que a alegria sentida e revelada abertamente por Rousseau, em virtude da confiança que o diretor de publicações – o Senhor de Malesherbes – o inspira, o leitor é levado a acreditar que ele tem-no como um amigo.<sup>4</sup> O primeiro parágrafo, da carta 1, das epístolas em revista, abre-se para veicular informações importantes nesse sentido. O filósofo genebrino sugere que Malesherbes conversa com ele por meio da troca de cartas, revelando-se, inclusive, agradecido pela “última carta com que me honrastes” (OC I, *Lettres à Malesherbes*, p. 1130), a qual lhe proporcionou um imenso prazer. E tão importante quanto isso que precede é o fato de Rousseau sentir-se, conforme seu próprio testemunho, contente com a estima que o diretor mantém por ele, tornando-o seguro, despertando-lhe um grande apreço. O filósofo possui clareza de que existem as “dificuldades de nossa época” (Idem, *ibidem*) assim como os problemas que lhe são próprios, impondo-se enquanto coisas familiares, tendo certo, aliás, que não pretende, de modo algum, sobrecarregar e aborrecer Malesherbes com esses últimos. Ele havia demorado um pouco para responder ao diretor, tomando a iniciativa de escrevê-lo, justamente porque se opunha a “vos sobrecarregar com as minhas” (Idem, *ibidem*) dificuldades e cruciais barreiras interiores.

---

<sup>4</sup> O livro de Bernard Faÿ, *Jean-Jacques Rousseau ou le rêve de la vie*, é rico em relatos sobre vários tópicos desse nosso artigo. O comentador tem certo, especificamente falando, de que Malesherbes, o diretor de publicações, é muito empenhado em proteger Rousseau, garantindo-lhe, à medida do possível, suas publicações. Ele afirma, primeiramente: “Du reste il se jougeait à l’abri, grâce à la protection de Malesherbes, des Luxembourg.....” (Faÿ, Bernard. *Jean-Jacques Rousseau ou le rêve de la vie*. Paris: Librairie Academique Perrin, 1974, p. 246). Faÿ não deixa também de se referir aos “deux hommes” e “leur sincère amitié...” (Idem, *ibidem*).

É provável que Rousseau, todavia, estivesse muito insatisfeito em especial com o atraso na publicação de seus dois grandes livros (o *Emílio* e o *Contrato social*), sendo que, quanto ao *Emílio*, temia até que sua escrita pudesse ser violada, ser modificada – ou estivesse já em processo amadurecido e consumado de alteração – por parte de seus inimigos e detratores. Esse o motivo talvez para ele, além de acionar Malesherbes, tendo-o dedicado e mesmo endereçado seu texto, afirmar: “embora absolutamente não me console com o que acaba de acontecer”... (Idem, ibidem); Rousseau realizava esse tipo de consideração em meio a deferências e congratulações ao grande homem que era Malesherbes, uma vez que gozava de liberdade para falar, conservando grande prazer ao relacionar-se com ele; e o diretor de publicações, por sua vez, não o tinha – ocupando um posto de autoridade – em menor conta, mesmo sabendo dos problemas que estava vivendo ou até produzia e aumentava com sua fértil imaginação. Enfim, diz Rousseau: “estou muito contente por terdes ciência disso; visto que isso não me retirou vossa estima, ela será ainda maior se não me acreditares melhor do que sou” (Idem, ibidem).

Rousseau admite contar, notadamente, com um amigo, com uma pessoa de confiança, a qual considera mantendo grande admiração, após indicar, no seu trabalho especulativo, que esse sujeito exemplar poderia não mais haver no mundo, sobretudo com o testemunho do “Meu retrato”. Pois é devido ao fato de dispor deste último que se vê ainda mais disposto e encorajado, sentindo-se numa posição confortável, adequada mesmo, para dar seu passo seguinte. Sendo assim, ele vai descrever seu estado no exílio, ordenando pouco a pouco algumas justificativas e dizendo os motivos que o levaram a ali aportar, afastando o entendimento, diluindo o receio, nutrido por Malesherbes, que o via como quem experimentava tédio e insatisfação mantendo-se preso àquela realidade, de solidão e de ameaça de ostracismo.

É certo que Rousseau não guarda temor de mostrar-se ao público em geral, e ao leitor anônimo em particular, tal como ele real e concretamente é: “a meu favor ou contra mim, não temo ser visto como sou. Conheço meus grandes defeitos e sinto profundamente todos os meus vícios” (OC I, *Lettres à Malesherbes*, p. 1133). Aliás, houve muitas ocasiões em que se prestou a essa tarefa, buscando corrigir o entendimento sobre suas ideias, para afastar os maus julgamentos que lhe dirigiam.<sup>5</sup> Mas é claro que Rousseau acredita ser preferível interagir e relacionar-se com um amigo, pois nesse caso “segue-se o próprio coração e tudo está feito” (idem, p. 1132); sem precisar conviver com o temor, sem necessitar cultivar receios, desfruta-se do encantamento de uma “intimidade deliciosa” (idem p. 1146).

---

<sup>5</sup> Essa prática encontrou seu início já com as respostas de Rousseau às objeções dirigidas contra ele e o seu *Discurso sobre as ciências e as artes*, seu primeiro grande trabalho, redigido, como se sabe, em 1749; depois ela vai gradativamente se intensificar na medida em que os problemas que o envolvem forem se avolumando.

Mantendo no seu foco Malesherbes, no parágrafo 3, da carta 1, o filósofo partilha a opinião, com seu leitor, de que o diretor de publicações se fazia tomado por um equívoco; de que estava errada a ideia que impregnava seu coração ao vê-lo, naquele momento, optar pelo mergulho na vida solitária. O filósofo escreve: “Considerais-me infeliz e consumido pela melancolia. Oh! Senhor, como vos enganais!” (idem, p. 1131) E no parágrafo três, da 3ª carta, Rousseau segue pensando, continua refletindo, fiel à mesma linha de raciocínio, dando a entender que se faz mesmo necessário esclarecê-lo: “Não saberia dizer, Senhor, como me senti tocado ao ver que me consideráveis o mais infeliz dos homens. O público, sem dúvida, pensará como vós e é isso ainda que me aflige” (idem, p. 1138).<sup>6</sup>

De agora em diante, almejo reunir e agrupar, nesta reflexão, alguns elementos que irão dar sua parcela de contribuição para desfazer-se essa ideia negativa de Malesherbes. Com efeito, ao ter o diretor enquanto ouvinte, enquanto leitor, Rousseau pretende falar sobre as dificuldades de viver-se em sociedade e também de sua queda pessoal para manter-se afastado dos homens, desfrutando de uma vida retirada; depois, deseja refletir sobre o que persegue e também sobre o que representa para ele radicar-se no exílio, fixar-se determinadamente nele. Seguindo esse movimento do autor, vou contar com recursos suficientes para chegar ao objetivo apontado no primeiro período deste parágrafo.

Rousseau, com efeito, admite lhe “custar muito escrever” (idem, p.1130) na medida em que isso o envolve de maneira total, de modo completo. Mas ele nunca cogita, nunca postula, fazer isso só por fazer, movendo-se burocraticamente, sem conservar um propósito mais expressivo e palpável diante dos olhos. Se assim tratasse de se encaminhar, jamais teria se eternizado conquistando um espaço na tradição de nosso pensamento: “se tivesse apenas escrito por escrever, estou convencido de que nunca me teriam lido” (idem, p. 1136). Pois seu interesse específico agora está ligado ao desejo de pronunciar-se sobre sua queda para fugir da vida social, sobre o desprazer que sente em viver no comércio intensivo com os homens. E o filósofo partilha conosco, inicialmente, a ideia de que durante um período longo, durante um espaço grande de tempo, esteve equivocado acerca dos motivos que o levaram a mover-se daquela forma, digamos assim, isolacionista, rejeitando o

---

<sup>6</sup> George May no seu pequeno livro *Rousseau par lui-même*, que tem enquanto base, sobretudo, os textos autobiográficos e confessionais de Rousseau, tematiza vários pontos de meu interesse aqui neste artigo, cabendo ser lido especialmente o capítulo intitulado “Solitude et Béatitude” (que vai da página 153 até a página 181). Com efeito, pode-se, com sua reflexão, antecipar aqui o pensamento de Rousseau relativo ao ponto agora em questão: “Il senti combien l’isolement répond aux besoins de sa nature” (MAY, Georges. *Rousseau par lui-même*. Paris: Éditions du seuil, 1961, p. 154). Para May, seria equivocado condenar-se o isolamento do filósofo sem saber, como o fez Diderot, as causas mais profundas que o motivaram a assumi-lo. Escreve May: “reprocher à Rousseau sa retraite, c’est lui reprocher d’être lui-même, c’est accuser d’hypocrisie le geste qui marque justement sa plus pure sincérité” (Idem, p. 158).

contato com outras tantas pessoas: “por muito tempo, eu mesmo me enganei quanto à causa desse invencível desgosto que sempre experimentei no comércio com os homens” (idem, p. 1132).

Mas Rousseau sempre se preservou convicto de que aquele apreço pelo estado de isolamento, adotando a espécie de vida própria aos ermitãos, não tinha a ver com o impulso do orgulho e da vaidade, que se mantinham no seu íntimo, aliás, como coisas moderadas; não guardava relação com o desejo egocêntrico de ser notado, de ser percebido, pelos outros. O que lhe toca desde sempre, com muita força, é a vontade de exercitar-se na liberdade, de neutralizar o poder considerável da opinião pública. Não foi a latência da vaidade, o afã de ser alvo de honrarias com seus escritos, o anseio de obter a glória ao publicá-los, que o conduziu, portanto, a escolher a solidão: “Assim, qual é enfim essa causa? Ela não é outra coisa senão este indômito espírito de liberdade que nada pôde vencer e diante do qual as honras, a fortuna e a própria reputação nada significam para mim” (Idem, *ibidem*). E este “espírito de liberdade” nasce, notadamente, com o agir espontâneo, deixando de ser um fruto do sentimento moral, da consciência de alguma obrigação a cumprir, que o faria um ser submisso, prisioneiro de regras externas, regras essas que seriam rigorosamente estabelecidas. O referido espírito não atende aos apelos do orgulho e nem aparece subordinado aos ditames dos deveres que se manifestam na vida civilizada, mas encontra sua fonte na vida espontânea de sua dimensão incorpórea, engendrada pela força da “preguiça” natural; e essa última só aceita com facilidade, segundo Rousseau, o movimento natural da vida. Escreve o filósofo genebrino: “É certo que este espírito de liberdade origina-se em mim menos do orgulho do que da preguiça, mas esta preguiça é incrível; tudo a assusta; os menores deveres da vida civil lhe são insuportáveis. Uma palavra a dizer, uma carta a escrever, uma visita a fazer, desde que seja preciso fazê-lo, são suplícios para mim” (Idem, *ibidem*).<sup>7</sup>

Rousseau teria feito alguns esforços para elevar-se enquanto homem em sua juventude, mas esses não estavam focados no presente do seu tempo, tendo enquanto alvo “o retiro e o repouso em minha velhice” (Idem, p. 1133). E daí o sucesso acabou não acontecendo uma vez que a entrega precisaria ter sido maior, além de precisar ainda do concurso espontâneo do desejo. Como semelhantes investimentos “somente foram feitos à base de empurrão” (Idem, *ibidem*), parecendo a prática, a atividade, de “um preguiçoso” verdadeiro, compreende-se que “nunca tiveram o menor sucesso” (Idem, *ibidem*), ainda que houvesse expectativa para tanto.

---

<sup>7</sup> Sobre esse assunto, leia-se o capítulo 9, intitulado “O problema da existência pessoal”, do seguinte livro: GRIMSLEY, Ronald. *La filosofía de Rousseau*. Madrid: Alianza Editorial, 1988, p. 173-198. Há de se notar aí que Rousseau tem uma personalidade própria, de traço peculiar, sendo um homem que ama a liberdade, que aprecia dedicar-se ao gozo de si mesmo, etc.

Mas é curioso que de uma experiência tão limitada e malfadada, de uma vivência por demais capenga, necessitada de uma maior radicalidade e verticalidade, venha surgir o ensejo para Rousseau encontrar a verdadeira causa de seu isolamento; ele precisava da oportunidade que lhe permitisse a descoberta, feita por si mesmo, de sua concreta inclinação, radicada no gosto de usufruir da vida e também no desejo de ancorar afastado da existência no plano social. Com essa paixão que lhe é própria, percebe que o segredo, que a mágica, está na iniciativa de entregar-se ao tempo presente, na vida, a fim de compensar-se dos males. Foi assim que brotou a ideia de lançar-se ao desfrute desta última em termos concretos, abandonando a prática de realizar isto apenas quando chegasse à velhice; aí estaria aportando, inexoravelmente, no final do trajeto, no ponto do esgotamento da vida, que se caracteriza por ser curta e finita, em especial quando as escolhas mostram-se equivocadas. Confidenciamos enfim Rousseau:

Quando os males chegaram, eles me forneceram um belo pretexto para entregar-me à minha paixão dominante. Achando que era uma loucura atormentar-me por uma idade à qual eu não chegaria, larguei tudo e apressei-me em gozar. Eis, Senhor, eu vo-lo juro, a verdadeira causa desse isolamento no qual nossos letrados foram procurar motivos de ostentação que supõem uma constância, ou antes, uma obstinação em exigir o que me custa, exatamente contrária a meu caráter natural (Idem, *ibidem*)

No parágrafo 5, da carta 1, Rousseau afirma, tornando caracterizado o nexos que estabelece entre a felicidade e a liberdade, ou entre a felicidade e o livre exercício da vontade, que: “O tipo de felicidade de que preciso não é tanto a de fazer o que desejo, mas a de não fazer o que não desejo. A vida ativa nada possui de tentador para mim, e eu consentiria cem vezes nada fazer a fazer alguma coisa contra a vontade” (Idem, *ibidem*).

No “Meu retrato”, fragmento 24, Rousseau assevera: “Sou solitário somente porque sou doente e preguiçoso, é quase certo que, se fosse são e ativo, faria como os outros” (OC I, *Mon portrait*, p. 1125). Mas antes, neste mesmo escrito, no fragmento 21, o filósofo refere-se a “facilidade que tenho de viver só” (Idem, p. 1124), entendendo isso enquanto uma coisa natural, e não como algo negativo e patológico. Encontra-se em resumo a indicação de que para o homem bom não tem qualquer problema em viver só, apenas consigo mesmo, diferentemente do que se passaria com o homem mau, pervertido pela sociedade, pela cultura, etc. Conforme o fragmento 20: “O inferno do mau é o de estar reduzido a viver só consigo

mesmo, mas é o paraíso do homem de bem e não há para ele espetáculo mais agradável do que o de sua própria consciência" (Idem, *ibidem*).<sup>8</sup>

Rousseau acredita que as pessoas querem, na sua grande maioria, ser notadas no espaço público, na vida social, mas não em manterem-se corretas, zelosas de suas virtudes morais, e coniventes com a verdade. Porém, de acordo com o fragmento 23 do "Meu retrato": "Não há homem sobre cuja virtude se possa contar menos do que aquele que procura a maior aprovação dos outros" (Idem, p. 1125). O filósofo havia antecipado essa ideia, de uma forma genérica, no fragmento 21 do mesmo texto: "Diga-se o que se disser, não se procura ver o mundo, senão para ser visto por ele, e creio que se pode sempre estimar a importância que dá um homem à aprovação dos outros pelo seu empenho em procurá-la" (Idem, p. 1124). Mas eis a noção conclusiva, entretanto, resultante do esforço de Rousseau, contrária a esse entendimento comum – próprio dos homens afetados pela cultura decadente de nossa época – tendo enquanto base sua vida, sua subjetividade; nessa está implícita a sugestão de que tenhamos preferência pela liberdade e autenticidade neste mundo de uniformizações empobrecedoras: "Não me preocupo em ser notado, mas, quando me notarem, não me aflijo se o for de maneira um pouco distinta e preferiria ser esquecido por todo o gênero humano a ser visto como um homem comum" (Idem, p. 1123).<sup>9</sup>

No parágrafo final da carta 3, Rousseau volta, todavia, a valorizar *Malesherbes*, deixando entender que ele é confiável, digno de ser respeitado, justificando-se tê-lo no plano das relações íntimas, no plano dos contatos singulares, especiais, em que o móvel está na disseminação de afetos, de cordialidade, etc. Assim, o filósofo define as razões de sua abertura e da disposição para falar, para interagir com o diretor, pondo-o a par de coisas que lhe são bem íntimas, diferentemente do que acontece nos intercâmbios com pessoas estranhas; essas últimas não inspiram a mesma confiança e nelas, por conseguinte, não é depositado semelhante crédito. De outra parte, afirma Rousseau: "Embora goste demais de falar de mim, não gosto de falar com todo mundo, é o que me faz abusar da ocasião quando a tenho e quando me agrada" (OC I, *Lettres à Malesherbes*, p. 1142). Esse conjunto de confidências, essa série toda de revelações, são externadas pelo filósofo genebrino no momento em que

---

<sup>8</sup> Conforme Grimsley: "La verdadera existencia personal consiste en la experiencia de la plenitud, en la condición de un ser que no está lleno más que de sí mismo" (GRIMSLEY, Ronald. *La filosofía de Rousseau*, p. 192).

<sup>9</sup> Veja-se a rápida passagem do livro já citado, de Georges May, da seção intitulada "Solitude et singularité": "Rousseau s'est tant voulu différent qu'il l'est devenu. L'homme qui a enrichi la géographie littéraire de tant de noms nouveaux – Bossey, Thônes, Montmorency, Môtiers, Wootton, Trye, Bourgoin, Monquin, Ménilmontant, Ermenonville – ne peut pas être un homme comme les autres. L'homme qui a poussé le non-conformisme jusqu'à la supertition ne peut être qu'exceptionnel" (MAY, Georges. *Rousseau par lui-même*, p. 162). A seguir, May ainda completa: "C'est parce qu'il est unique que son portrait n'est jamais fini" (Idem, *ibidem*).

deseja justificar ao diretor a necessidade de escrever ainda mais uma carta, pois lhe faltariam coisas para dizer.

Agora, avançando no quadro já da carta 4, Rousseau passa, no parágrafo 5 (o penúltimo do texto) a declarar que não tem porquê não ser agradecido ao diretor de publicações visto que ele o concedeu muitos benefícios sem sequer conhecê-lo. Porém, mais relevante talvez do que isso acontece quando vem partilhar que julga problemática a existência de estamentos, de classes sociais, na sociedade, deixando o destaque para a presença negativa dos ricos, dos nobres. Rousseau admite que há um abismo entre os diferentes âmbitos sociais, um hiato entre os grandes e os pequenos, sendo os primeiros afeitos em oprimirem os segundos; a propósito, os grandes seriam duros, preconceituosos, mesquinhos, cheios de vícios, terríveis, ao contrário da forma como se mostrariam, supostamente, os segundos. Acompanhe-se a escrita do filósofo, enfim, endereçada a Malesherbes:

Não posso dissimular-vos, Senhor, que tenho uma violenta aversão pelos estamentos que dominam os outros, faço mesmo mal em vos dizer que não posso dissimulá-lo, pois não tenho nenhuma dificuldade em vo-lo confessar, a vós, nascido de um sangue ilustre, filho de Chanceler da França e Primeiro Presidente de uma Corte Soberana; sim, Senhor, a vós que me fizestes mil benefícios sem me conhecer e a quem, apesar de minha ingratidão natural, nada me custa ser agradecido. Odeio os grandes, odeio seu estado, sua dureza, seus preconceitos, sua pequenez, e todos os seus vícios, e odiá-los-ia muito mais se os desprezasse menos (Idem, p. 1145).<sup>10</sup>

Essa referência aos estamentos, ao obstáculo que eles representam para a vida social, à concretude de sua existência, é importante para acompanharmos o relato de Rousseau sobre seu comércio, sua interação, e sua convivência, com o Marechal de Luxembourg e sua esposa que se tornaram seus amigos, acolhendo-o em Montmorency. Com efeito, o filósofo não passava por um momento muito bom, sentia-se isolado, triste, doente, quando foi encontrado por estas ilustres pessoas. E Rousseau diz que Malesherbes precisa fazer uma ideia do que fora esse acontecimento, essa experiência ímpar, sem igual, sem paralelo, por que passara:

---

<sup>10</sup> Conforme o húngaro Arnold Hauser: "Com Rousseau, as mais vastas camadas da sociedade, a burguesia inferior e a massa anônima do povo, os oprimidos e os sem-lei, encontraram, pela primeira vez, expressão na literatura" (HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. 4 ed. Trad. de Walter H. Geenen. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1982, Tomo I, p. 723). Por outro lado, Hauser afirma que: "Rousseau [...] insiste constantemente em nada ter de comum com as classes superiores. Que isso seja apenas 'orgulho de plebeu' ou mero sentir de despeito, não importa esclarecer; o essencial é que as discrepâncias entre Rousseau e os seus opositores, não são meras questões de opinião, mas vitais antagonismos de classe" (Idem, p. 724).

Seria preciso, Senhor, que conhecêsseis o estado em que me encontrava, desamparado e abandonado por todos os meus amigos, e a profunda dor que afetava minha alma quando o Senhor e a Senhora de Luxembourg desejaram conhecer-me para julgar a impressão que causaram em meu coração aflito, seus gestos de aproximação e suas demonstrações de carinho. Eu estava morrendo; sem eles, teria infalivelmente morrido de tristeza, eles me devolveram a vida, é muito justo que eu a use para amá-los (Idem, p. 1144).

No parágrafo 4, da quarta carta, Rousseau afirma não precisar de amigos íntimos, não carecer destas relações excepcionais, mas quando os possui tende a sofrer muito ao perdê-los, “pois, quando se afastam, dilaceram-me” (Idem, *ibidem*). Essa referência pode ser usada quando se pensa sobre a afeição que passou a conservar por aquele casal antes citado, que tão bem o terminou fazendo. Tratava-se ali de uma amizade que deveria, na ótica do filósofo, durar para sempre e que estaria no lugar de seu último envolvimento forte, neste tipo de relação, que teria em sua vida. A propósito dessa experiência afetiva, dessa afeição derradeira, Rousseau, em síntese, assevera que “nada me compensará, pois durará, espero, tanto quanto minha vida e, aconteça o que acontecer, será a última” (Idem, p. 1145). Em complementação àquela ideia do sofrimento que costuma causar em Rousseau a perda de um grande amigo, ele acrescenta no “Meu retrato”, fragmento 31, levando adiante, pois, os raciocínios das “Cartas a Malesherbes”: “Sinto muito mais a privação daquilo que me retiraram do que teria sentido a posse se mo tivesses deixado” (OC I, *Mon portrait*, p. 1127). Agora, quanto à relação específica com a posse de bens, mas igualmente de amigos, Rousseau diz não lidar, de maneira natural, com a privação seja de um, seja de outro, mesmo que não lute para adquiri-los. Veja-se o desenvolvimento deste conceito no “Meu retrato”, fragmento 32: “Insensível à cobiça, sou muito ligado à posse; não me preocupo absolutamente em adquirir, mas não posso suportar a perda, e isso tanto na amizade quanto nos bens” (Idem, p. 1128).

Com grande disposição e intensidade, Rousseau apostou na relação com o Marechal de Luxembourg e sua esposa, parecendo ser a recíproca, entretanto, verdadeira: “eles me amaram e eu, Senhor, eu os amei e os amarei tanto quanto viver, com todas as forças de minha alma” (OC I, *Lettres à Malesherbes*, p. 1145). Cabe dizer que a entrega do filósofo a eles foi total – como lhe é característico quando se relaciona com as pessoas –, sem aí conservar qualquer arrependimento: “Meu coração, que não sabe afeioar-se pela metade, deu-se a eles sem reservas e não me arrependo” (Idem, *ibidem*). Em síntese, ao reportar-se ao que faria por essas pessoas, sem hesitação, entendendo que não tinha justificativa, ao final, para entregar sua vida, pois já se achava exaurido e debilitado, afirma que lhes daria o que considerava grande, ou seja: “a honra que

espero da posteridade e que ela me dará porque me é devida e porque a posteridade é sempre justa" (Idem, *ibidem*).

A exemplar unidade, a harmonia completa, e o prazer da convivência em Montmorency, com o Marechal e sua esposa, que ele desfrutou – após ser convidado e acolhido no “Petit-Château” de propriedade deles – eram reconhecidos por Rousseau, tendo-o despertado muito entusiasmo.<sup>11</sup> Ele pensou várias vezes em pedir para viver com ambos, com os dois, ali no próprio castelo pelo resto de seus dias. Mas, ao olhar as coisas pelo viés da realidade, pela esfera da concretude das coisas, chegaria à conclusão de que se tratava de um projeto – visando a mais estreita sociedade que poderia haver entre os homens – irrealizável sob o ponto de vista prático. Assevera Rousseau: “No calor do entusiasmo que me inspiraram, por cem vezes estive a ponto de pedir-lhes um asilo em sua casa para nela passar o resto de meus dias junto a eles e eles me teriam concedido com alegria” (Idem, p. 1145-1146). E complementa: “Esse projeto é por certo um dos que meditei mais longamente e com maior satisfação. Contudo, foi preciso sentir afinal, a meu malgrado, que ele não era bom” (Idem, p. 1146).<sup>12</sup>

Rousseau abre espaço para discutir, finalmente, sobre os aspectos e os fatores pelos quais tal projeto tornar-se-ia ruim. É verdade que há referências aos intermediários que impediriam a unidade ou a conservação da unidade entre eles; é verdade que o filósofo menciona as formas de vida, os gostos, os hábitos que são outros, no caso dos seus, em relação a eles. Mas o filósofo volta a falar, entretanto, da existência dos estamentos; estes se conservariam enquanto um obstáculo capaz de impedir a efetivação daquela intimidade própria na relação entre grandes amigos e que é necessária para a convivência numa sociedade ideal. Cito o filósofo:

---

<sup>11</sup> Conforme May: “Après la crise de l’ermitage et deux mauvais hivers passés dans l’incorfort de Mont-Louis, il se voit offrir par le marechal de Luxembourg la résidence édenique du Petit-Château de Montmorency. Dans la mémoire de l’auteur du dixième livre des *Confessions*, ce délicieux Château surgit du passé comme un paradis perdu, et Rousseau l’évoque sous les aspects inattendus d’une île solitaire” (MAY, Georges. *Rousseau par lui-même*, p. 156).

<sup>12</sup> Antes de ir morar no “Petit-Chateau”, Rousseau teve dúvidas sobre as intenções dos Luxembourgs ao fazerem a oferta que lhe fizeram. Pois o Marechal tratou de anular sua insegurança demonstrando respeito e reconhecimento, como nos mostram as passagens de uma carta a ele remetida enquanto resposta, a qual é transcrita por Faÿ no seu livro já referido: “Le lendemain le marechal répondait ‘...Le désir d’être plus près de vous et la crainte de vous voir périr sous les ruines de votre logement, nous a engagés, Mme de Luxembourg et moi, à vous proposer d’en prendre un au petit château....Venez-y donc, Monsieur, et le plus promptement sera le mieux. Soyez certain que vous me prenez aucun engagement avec moi que celui de m’accorder votre amitié, si vous m’encroyez digne quand vous me connaître. Pour moi, Monsieur, je prends avec vous celui de vous honorer autant que vos sentiments et vos vertus le méritent’. Cette réponse adroit et simple toucha Jean-Jacques, elle le persuada” (FAÿ, Bernard. *Jean-Jacques Rousseau ou le rêve de la vie*, p. 237).

Enfim, teríamos em vão aproximado nossas moradas, pois, permanecendo a distância sempre a mesma entre os estamentos, essa intimidade deliciosa, que é o maior encanto de uma estreita sociedade, teria sempre faltado à nossa. Eu não teria sido nem amigo nem criado do Senhor Marechal de Luxembourg; teria sido seu hóspede; sentindo-me fora de minha casa, teria muitas vezes desejado ardentemente meu antigo asilo e é cem vezes preferível estar afastado das pessoas que amamos e desejar estar junto a elas a expor-se a desejar o contrário (Idem, *ibidem*).

Côncio perfeitamente de que a vida prática impediria a realização daquele projeto, Rousseau vem encaminhar o fecho da quarta carta a Malesherbes povoando com sua imaginação seus sonhos grandiloquentes. Nestes sonhos, retira o Marechal de Luxembourg da posição tão elevada que ele ocupa, fazendo-o figurar como “um bom fidalgo de província” (Idem, *ibidem*) e Rousseau é transformado não num pensador famoso, mas “um espírito medíocre e com alguns conhecimentos” (Idem, *ibidem*); e ambos contribuiriam de forma recíproca para o bem-estar e a felicidade que os tomariam cotidianamente, levando-os ao estado de plenitude. Enfim, pronuncia-se Rousseau: “Se, para tornar o sonho mais agradável, vós me permitísseis empurrar com o ombro o castelo de Malesherbes a uma distância de meia légua de lá, parece-me, Senhor, que, sonhando dessa maneira, eu não teria por muito tempo desejo de acordar” (Idem, *ibidem*).

Rousseau chega ao parágrafo 6, da carta 4, quer dizer, fecha o texto, revelando-se com o sentimento de que cumprira seu propósito ficando só a necessidade de presentear a si mesmo com algumas das horas que teve o prazer de passar no castelo de Montmorency. Para ele, isso representa encerrar “o longo sonho; pois todos os outros estão doravante ultrapassados” (Idem, *ibidem*).<sup>13</sup> Essa teria sido a reconstrução, em síntese, de um quadro pequeno, mas verídico e importante de sua vida – dado à ciência de Malesherbes –, o qual foi concebido e moldado pelo desejo de conquistar a plena sintonia, realizando o ideal da mais estreita e ajustada sociedade, consumada na convivência com os Luxembourg. Ele espera que o diretor de publicações, todavia, mantenha a mesma estima conservada por ele após absorver seu discurso digerindo todas essas informações, pois sua comunicação tão espontânea foi estimulada pela

---

<sup>13</sup>O comentário de Cassirer parece-nos, todavia, pertinente e importante, pois, segundo ele, para Rousseau: “Seus momentos mais satisfatórios, mais substanciais e ‘mais reais’ não são aqueles dedicados à ação e à atividade, mas as horas nas quais consegue deixar para trás e esquecer a realidade, fascinado pelo mundo de sonhos de suas fantasias, sentimentos e desejos. Em suas caminhadas sem destino durante semanas inteiras e vagueando livremente, ele sempre procura e reencontra sua felicidade” (CASSIRER, Ernst. *A questão Jean-Jacques Rousseau*. Trad. de Erlon José Paschoal. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 43). Comentário semelhante, ressaltando a importância dos sonhos e fantasias para Rousseau, encontra-se em: WOKLER, Robert. *Rousseau*. New York: Oxford University, 1995. Sobre esse tópico, neste texto, leia-se as páginas 114 e seguintes.

confiança que ele inspirava. Mas caso essa não se conserve, caso sua benevolência não seja perpetuada, será porque Rousseau, de acordo com seu entendimento, não a mereceria.

### Referências bibliográficas

CASSIRER, Ernst. *A questão Jean-Jacques Rousseau*. Trad. de Erlon José Paschoal. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

FAY, Bernard. *Jean-Jacques Rousseau; ou le rêve de la vie*. Paris: Librarie Académique Perrin, 1974.

GRIMSLEY, Ronald. *La filosofía de Rousseau*. Trad. de Josefina Rubio. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. 4 ed. Trad. de Walter H. Geenen. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1982, Tomo II.

MAY, Georges. *Rousseau par lui-même*. Paris: Éditions du Seuil, 1961.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Les confessions; Rousseau juge de Jean-Jacques; Les rêveries du promeneur solitaire; Fragments autobiographiques; Ébauches des confessions; Mon portrait; Lettres à Malesherbes*. Oeuvres Complètes, Paris: Éditions Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1959, Tome I.

\_\_\_\_\_. *Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral*. Organização e apresentação de José Oscar de Almeida Marques; Tradução de José Oscar de Almeida Marques...[et al.]. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

\_\_\_\_\_. *Textos autobiográficos & outros escritos*. Tradução, introdução e notas Fúlvia Maria Luiza Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

TROUSSON, Raymond et EIGELDINGER, Frédéric S. (editeurs). *Dictionnaire de Jean-Jacques Rousseau*. Paris: Honoré Champions Editeur, 2006.

WOKLER, Robert. *Rousseau*. New York: Oxford University Press, 1995.

### Endereço postal:

Departamento de Filosofia  
Universidade Estadual de Londrina - UEL  
Campus Universitário s/n  
Caixa Postal 10011 - Londrina - PR - Brasil  
Data de recebimento: 06-08-2016  
Data de aceite: 22-12-2016